

O TROTE EM MULHERES NAS UNIVERSIDADES: O GLOBO (2011-2020)

ANAELSON LEANDRO DE SOUSA

Doutorando em Educação pelo PPGE/Estácio de Sá – UNESA- RJ; Professor do Curso de Jornalismo em Múltiplos Meios, UNEB, Campus III, BA, anlsouza@uneb.br

1. INTRODUÇÃO

A prática do trote estudantil é muito antiga e remete aos primórdios das universidades europeias no século XII. Em sua origem, esse ritual de iniciação agregava apenas estudantes do sexo masculino, e isso perdurou por muitos anos até o ingresso regular de mulheres em instituições de ensino superior no século XX. Atualmente algumas práticas de trote, apesar daqueles que buscam integrar os estudantes e comunidade externa com ações solidárias, podem ocorrer agressividade física e psicológica. Neste trabalho empírico analisamos como o jornal O Globo, com sede no Rio de Janeiro/Brasil, veiculou o tema violência contra as mulheres na década de 2010. Utilizou-se a Análise de Conteúdo (Bardin, 2011) no estudo das reportagens.

O trote universitário é identificado por Zuin (2002) como um rito de passagem cujas violências física e psíquica são justificadas como uma tradição, nem sempre integradora e quase sempre pautada na humilhação” (p. 245-246). Almeida e Queda (2006) reconhecem a complexidade em estudar o trote por se tratar de um fenômeno multidimensional que envolve aspectos da personalidade dos seus praticantes e dos que convivem no ambiente onde o trote é praticado. “Ele [o trote] envolve dimensões psicológicas, culturais, políticas, econômicas, sociais e institucionais. A falta de uma interpretação mais elaborada a respeito dele é uma das razões para a sua continuidade” (2006, p.28).

O trote violento pode ser percebido um ritual que viola os direitos humanos da pessoa. SANTOS (2009) afirma que os Direitos Humanos levam a uma complexidade quando são percebidos ou praticados na forma de localismo globalizado ou na forma de cosmopolitismo. O primeiro, como globalização hegemônica, e o segundo como globalização contra-hegemônica. Para ele, enquanto os Direitos Humanos forem concebidos como direitos humanos universais, os Direitos Humanos tenderão a operar como localismo globalizado e, portanto, como forma de globalização hegemônica. “Para poder operar como forma de cosmopolitismo, como globalização contra-hegemônica, os Direitos Humanos têm de ser reconceitualizados como multiculturais” (2009, p.13).

Em relação a violência contra a mulher utilizamos o conceito formulado em 1996 que a define “qualquer ato ou conduta baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto na esfera pública como na esfera privada (BRASIL, 1996).

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi a Análise de Conteúdo – AC. Para Bardin (2002) trata-se de um conjunto de técnicas de análise de comunicações visando obter, por procedimento sistemático e objetivo de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam uma inferência de procedimentos relativos às condições de produção e recepção dessas mensagens. Levamos em conta a montagem de uma grade temática, que facilitará as inferências sobre o tema. Foram selecionadas 7 reportagens publicadas no jornal O Globo, na década de 2010.

TABELA 1 - Reportagens especiais – revista O Cruzeiro e Manchete

Título e local	Autoria	Caderno	Data	Páginas
Governo cobra explicações da UnB sobre trote violento contra alunas (Brasília)	Evandro Éboli	O País	28/01/2011	p.14
O caso que abalou uma universidade – denúncia de estupro durante festa em Juiz De Fora reacende debate sobre sexismo e violência no ambiente acadêmico (Juiz de Fora-MG)	Flávio Tabak	O País	24/04/2012	p.9
Por dentro do Globo – um caso nebuloso no campus	Sem identificação	Preto/ Branco	24/04/2012	p.2
Alunos da UFMG cantam música de apologia ao estupro e geram revolta (Belo Horizonte, MG)	Thiago Ricci	Sociedade	23/09/2014	p.27
Medicina da USP bane festas e bebidas – onda de estupros motiva ainda a criação da CPI da Alesp(São Pulo)	Julianna Granjeira	Sociedade	27/11/2014	p.34
A cara da nova geração feminista	Joana Dale	Revista O Globo	26/04/2015	p.26

3. RESULTADOS OU CONCLUSÕES

As reportagens publicadas no jornal O Globo apresentaram os seguintes dados: 5 delas trataram de violência de trotes contra a mulher em universidades, e apenas 2 abordaram formas de enfrentamento que elas estão experimentando para uma boa recepção no ambiente universitário. Estas últimas mostravam como as mulheres estavam combatendo os trotes violentos e machistas através de um coletivo feminista, e outro abordando um tipo de trote voltado para a solidariedade e integração das estudantes.

O periódico O Globo procura destacar assuntos que estão além de sua sede, no Rio de Janeiro, e o locus das reportagens sobre os trotes foram Brasília, Minas Gerais e São Paulo, nos anos de 2011, 2012, 2014 e 2015. Nas 5 reportagens que exploraram os acontecimentos negativos, 3 tratavam de casos de estupros relacionados à recepção das calouras.

O pequeno levantamento estatístico apresentado revela que a concentração de textos ocorreu apenas na primeira metade da década de 2010, e depois não ganharam destaque em forma de reportagem. Os casos de estupros ganharam repercussão devido ao acionamento da justiça por parte das vítimas, o que demonstra que os casos não denunciados não são destacados pelo jornal. O que nos faz inferir que na segunda metade da década de 2010 os casos diminuíram ou não foram denunciados. Por outro lado, é possível que os trotes solidários tenham ganhado espaço e feito com que os mais violentos fossem reduzidos. No entanto é necessário aprofundar a pesquisa para se ter um quadro mais ampliado deste fenômeno.

4. CONCLUSÕES

As conclusões permanecem em aberto. Não é possível ainda perceber se os trotes deixaram de ser violentos por não serem mais reportados nos últimos anos. É preciso a contribuição de outras pesquisas que ajudem a construir um cenário mais propício de entendimento sobre a violência contra a mulher no ambiente universitário.

Palavras-chave: Trote universitário; Universidade; O Globo. Direitos Humanos

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JR, A.R.; QUEDA, O. **Universidade Preconceitos & Trote**. São Paulo: Hucitec, 2006.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Trad. Luis Antero Reto, Augusto Pinheiro. Lisboa, Edições 70, 2002.

BRASIL, Decreto nº 1.973, de 1º de agosto de 1996. Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Direitos Humanos – o desafio**. Revista Direitos Humanos. n.2, jun.2009, p.10-18

ZUIN, A. Á. S. **O trote na universidade - Passagens de um rito de iniciação**. São Paulo. Cortez. 2002.